

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

## África e as guerras pelos recursos no século XXI

João Franco<sup>1</sup>

### Resumo

Num mundo de recursos cada vez mais escassos, a luta pelo acesso a água potável, petróleo e gás, mas também madeiras exóticas preciosas, metais raros ou preciosos e pedras preciosas assume um carácter cada vez mais explosivo que pode conduzir a guerras no médio prazo. África é um continente rico em recursos, mas também em potencial de conflito. Da água da bacia do Nilo, passando pela luta pelos minérios preciosos e pela madeira na África subsahariana, às disputas pelo petróleo e pelo gás um pouco por todo o continente, as fontes de conflito de conflito são múltiplas. O diálogo é imprescindível para a paz e a estabilidade no continente.

**Palavras-chave:** África, recursos, água, petróleo, geopolítica.

### Abstract

In a world of growing scarce resources, the struggle for access to drinking water, oil and gas, but also precious exotic woods, rare or precious metals and precious gems assumes a character increasingly explosive that may lead to wars in the medium term. Africa is a continent rich in resources, but also in conflict potential. From the water of the Nile basin, going through the struggle for precious minerals and timber in sub-Saharan Africa, to the disputes for oil and for gas all over the continent, the sources of conflict are multiple. Dialogue is essential for peace and stability in the continent.

**Keywords:** Africa, resources, water, oil, geopolitics.

<sup>1</sup> Licenciado em Relações Internacionais e pós-graduado em Estratégia pelo ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa. É Presidente da Mesa do Instituto de Altos Estudos Geopolíticos e Ciências Auxiliares e vice-director da revista Finis Mundi. É autor do livro "Sun Tzu e Mao Zedong, dois estrategas chineses".

Recebido em 12/01/2014. Aprovado para publicação em 22/01/2014.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

## Introdução

Como é sabido, o continente africano é rico em recursos naturais. Se a Norte são principalmente o petróleo e o gás natural as riquezas cobiçadas, na África sub-sahariana, ao petróleo juntam-se as gemas preciosas, os minerais e as madeiras. Convém contudo não esquecer a importância da água potável enquanto recurso, sobretudo no que à Bacia do Nilo diz respeito. Num mundo de recursos crescentemente escassos, em que potências como a República Popular da China e a Índia necessitam de uma quantidade cada vez maior de recursos energéticos e matérias-primas para manterem o ritmo de crescimento das suas economias, e de espaço vital para produção de alimentos e escoamento dos seus excedentes populacionais, África surge como o continente que mais reservas tem por explorar de recursos preciosos, sendo assim um *Eldorado* cobiçado por muitos actores.

Potências estrangeiras e empresas multinacionais têm vindo a acelerar a sua presença no continente, em parceria por vezes com governos corruptos e em detrimento do interesse das populações locais. Os desafios que se colocam são evitar a espoliação dos recursos africanos por potências e empresas estrangeiras, evitar a conflitualidade interna na África sub-sahariana e chegar a um consenso quanto às quotas de partilha da água do Nilo entre os Estados por ele atravessados.

### Uma visão de África nas teorias geopolíticas clássicas.

Almeida (1994) divide África em algumas zonas principais: África mediterrânica, África do “*Midland Ocean*”, África do “*Shatterbelt*”, o Sahara, a África ao Sul do Sahara (“*Sudan Grassland*”, O “*Heartland*” do Sul, os “*rimlands*” e o “Cone Austral”) e a África insular. “A África mediterrânica, separada do resto do continente pelo Sahara e da Europa pelo mediterrâneo, é uma área geopolítica com elevada autonomia, cujo núcleo é constituído pela Argélia, Tunísia e Líbia. A segunda zona, Marrocos e Sahara Ocidental, está intimamente ligado à estratégia do Atlântico Norte e dentro da área de actuação da OTAN. A África do “*Shatterbelt*”, engloba o Egipto, uma parte do Sudão, a Etiópia, a Somália, a Eritreia e o Djibuti. Samuel Cohen considerou esta área como fazendo parte do “*Shatterbelt*” do Médio Oriente, caracterizada por uma vocação anfíbia (Mediterrâneo, Mar Vermelho, Oceano Índico). O Sahara engloba países como a Mauritânia, o Mali, o Burkina Faso, o Níger, o Chade e o Sudão. O “*Sudan Grassland*” é uma zona de savana contígua ao Sul do Sahara. O “*Heartland do Sul*” engloba os Estados do Congo, Zaire, Uganda, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabué, Angola e Moçambique. Estes dois últimos também estão presentes nos “*rimlands*” do Atlântico e do Índico, respectivamente. A maioria destes Estados são inacessíveis ao poder marítimo, têm capacidade para uma alta densidade populacional e possuem uma enorme variedade de recursos, que lhe conferem uma grande autonomia interna. Os “*rimlands*”, em que a África do Sul detém uma posição privilegiada, são um anel anfíbio que envolve o chamado “cone austral”

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

e que têm capacidade para condicionar o desenvolvimento político da área. O “Cone Austral”, abarca inteiramente o “*heartland*” e os *rimlands*” e como tal, possui uma capacidade geopolítica extraordinária. Possuindo invejáveis recursos e posições estratégicas no Índico, Antártico e no Atlântico Sul, pode influenciar o comércio mundial e em parceria com potências sul-americanas como o Brasil ou a Argentina, ser vital para a paz no Atlântico Sul. Por último, a África insular engloba uma pequena parte da massa do continente e Estados como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Seichelles, Comores e Madagáscar. Se Madagáscar é o único significativo em tamanho e recursos, em termos estratégicos todos estes arquipélagos têm importância (Almeida, 1994).

Outra característica de África destacada pelo professor Políbio Valente de Almeida, é a enorme quantidade de estados encravados, sem acesso ao mar. Mali, Burkina Faso, Níger, Chade, República Centro Africana, Uganda, Ruanda, Burundi, Zâmbia, Malawi, Zimbabué, Botswana, Lesotho, Suazilândia e mais recentemente Etiópia (que perdeu a sua costa marítima com a independência da Eritreia), estão limitados nas suas potencialidades pela falta de acesso ao mar. A República Democrática do Congo, embora tenha um pequeno porto de acesso ao mar, está claramente geobloqueada, tendo em conta a sua enorme massa territorial (Idem).

O caso da Etiópia é paradigmático de um foco de conflitualidade, pois quando a Eritreia se tornou independente, a Etiópia perdeu o seu acesso ao mar, e poderá tentar recuperá-lo num futuro próximo. Entretanto, tem estendido a sua influência ao vizinho Djibuti, actual ponto de saída das suas mercadorias para o mar. Por outro lado, segundo Correia (2004, p.297) “*olha para a caótica Somália, e pode ter pretensões de anexar territórios que lhe garantam o acesso à costa*”.

No que respeita às teorias geopolíticas tradicionais (onde se incluem teóricos como Mahan, Mackinder, Haushoffer e Spykman), África aparece muitas vezes como um continente ignorado. As teses do poder marítimo, por exemplo, nunca explicaram as razões que impediram o desenvolvimento de talassocracias no continente africano. Mackinder, o principal teorizador do poder terrestre, situou-a inegavelmente ligada com a Europa e a Ásia, embora tivesse nela distinguido um “*Heartland*” do Sul. As teses do poder aéreo, exploradas por Renner ou Seversky, mostram África como um continente isolado, alheado das principais rotas transoceânicas. Para Spykman, África faz parte das “*Ilhas e Continentes Exteriores*”, afastada da zona pivot do “*Heartland*” e também do “*Rimland*”.

Haushoffer, da escola geopolítica de Munique, tinha incluído África numa das quatro pan-regiões em que dividiu o mundo: a Pan-Euroáfrica, que incluía também o Médio Oriente e que seria dirigida pela Alemanha (Correia, 2002).

O almirante francês Raoul Castex, que reflectiu sobre o poder marítimo, e elaborou uma teoria do perturbador continental, propôs à França o abandono da Indochina e das suas possessões no Médio Oriente, para se concentrar em África, apostando numa França de Dunquerque ao Congo (Correia, 2002).

Como se vê, África ou é ignorada, ou surge numa posição de submissão face a potências externas à área, que se servem dela como fonte de matérias-primas e que usufruem da acrescida profundidade estratégica que ela lhes confere. Na verdade, se África conseguir estabilidade e combater a violência e a pobreza quase endémicas, tem grandes trunfos a seu favor. O chamado “*Heartland*” do Sul, que têm o seu epicentro na República Democrática do Congo e se estende por muito países outros países, constitui um verdadeiro baluarte natural,

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

auto-suficiente em recursos e com potencialidade para dele emergir um grande poder continental. Por outro lado a África do Sul ocupa uma posição privilegiada no *Cone Austral*, servindo de charneira entre o Atlântico e o Índico, por onde passa grande parte do tráfego marítimo mundial. Por último, um país como Angola, pode desenvolver capacidades anfíbias, adquirindo capacidade de projectar a sua influência não só no *Cone Austral*, mas principalmente no *Heartland* do Sul dada a posição hegemónica que a África do Sul ocupa no primeiro. Além do mais, está posicionada para estabelecer importantes parcerias estratégicas do outro lado do Atlântico, especialmente com o Brasil.

## O conflito pela água na bacia do Nilo

No seu livro *Resource Wars-The new landscape of global conflict*, Klare (2002, p.138), em relação ao conflito pela água na bacia do Nilo, explana que muito embora para muitos a água possa ainda parecer uma improvável fonte de conflito, “*ao longo da história os conflitos relacionados com a água têm sido uma das características do comportamento humano*”. No seu livro *Guerras do Século XXI*, também Ramonet (2002, p.26) escrevia que: “*a escassez de água no planeta é inquietante, prevendo então que a água constituirá motivo de fortes tensões sociais e económicas, que um dia poderão descambar em guerras.*”

As alterações climáticas, a explosão demográfica e o aumento no consumo *per capita* de água, podem vir a agudizar estes conflitos no futuro, especialmente onde os recursos hídricos são partilhados entre vários Estados. O presidente Nasser do Egipto, considerou o projecto da barragem de Aswan, como a mais importante tarefa para o seu país. A água é sem dúvida, um recurso muito mais essencial do que o petróleo ou mesmo a terra. Além de ser fundamental para beber, para banhos e higiene, grande parte da água consumida pelo ser humano é usada para a produção de comida, através da irrigação. O desenvolvimento de técnicas de irrigação e subsequente aumento da produção de alimentos, foi o que permitiu nos últimos cinquenta anos o aumento constante da população mundial (Klare, 2002).

O Nilo, que é partilhado por nada menos do que nove países, é desde tempos muito remotos uma fonte de vida para as populações humanas que colonizaram as suas margens, quer no Egipto, quer no Sudão. No Egipto, além de proporcionar água para beber, as regulares inundações fertilizavam as terras marginais e permitiam obter colheitas abundantes. Como nem o Nilo nem nenhum rio subsidiário nascem no Egipto, e a dependência egípcia desta fonte de água é total, os antigos egípcios procuraram, embora sem sucesso, descobrir a nascente do Nilo, para a controlarem, e enviaram muitas vezes expedições militares ao Sudão, território onde tinham conseguido seguir o curso do rio. Desde essa época até aos dias de hoje, o Egipto tem sempre conseguido deter uma capacidade militar suficiente para impedir os seus vizinhos e os outros países da Bacia do Nilo, de tomarem uma posição de força face às suas ambições, ou de seguirem eles próprios uma política semelhante à sua (Klare, 2002).

O Nilo, o mais comprido rio do mundo atinge cerca de seis mil seiscientos e cinquenta quilómetros, atravessando o Burundi, o Congo, o Egipto, a Etiópia, o Quênia, o Ruanda, o Sudão, a Tanzânia e o Uganda. O Nilo Branco, o braço mais longo do rio, nasce na região dos Grandes Lagos, na África Central e junta-se ao Nilo Azul, menos longo, mas com maior caudal ao norte

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

de Cartum. O Egíto tem-se oposto com veemência à construção de represas e barragens no Alto Nilo, com receio de ficar dependente de outros países para o seu vital abastecimento de água. Com o princípio do fim dos domínios coloniais no alto curso do Nilo após a Segunda Guerra Mundial toda a questão se tornou mais premente à medida que todos aqueles novos países independentes desenvolviam desejos ou projectos de usar a água do Nilo para irrigação, ou produção de energia eléctrica. O governo do Cairo desenvolveu então pressões económicas e diplomáticas sobre o Sudão, chegando mesmo a manobras intimidatórias e ameaças do uso da força. Face a isto, o Sudão acabou por assinar em 1959 o “Acordo para a Utilização Completa das águas do Nilo” (Klare, 2002).

Embora tenha resolvido no imediato o conflito egípcio-sudanês ao consagrar ao Egíto cerca de dois terços do volume das águas, 55,5 biliões de metros cúbicos à data e ao Sudão 18,5 biliões de metros cúbicos, o acordo não teve em conta os outros Estados mais acima e especialmente a Etiópia. Receios de que estes Estados reclamassem um uso crescente do caudal do rio, ou que mesmo o Sudão no futuro reclamasse uma fatia maior do que a acordada bilateralmente, levaram o Egíto a prosseguir uma política agressiva de ameaça do uso da força, com o presidente Sadat a ameaçar bombardear instalações aquíferas na Etiópia se o país levasse a cabo um ambicioso projecto de irrigação. Durante a Guerra Fria, os interesses das duas superpotências sobrepuseram-se aos interesses nacionais dos seus aliados e não interessava nem aos Estados Unidos nem à URSS um conflito regional pelas águas do Nilo. Com o fim da Guerra Fria, as potências regionais, Egíto, Sudão e Etiópia, têm mais espaço de manobra para defender o que consideram ser os seus interesses vitais. Felizmente para o Egíto, os seus dois principais adversários na região estiveram longos anos paralizados por conflitos sucessivos: a Etiópia com forças separatistas na Eritreia e depois com a Eritreia independente, bem como incursões somalis; o Sudão numa guerra civil separatista do norte muçulmano com o sul não-muçulmano, que culminou na recente independência do Sudão do Sul. Há que realçar que o Egíto apoiou irredentistas somalis na região de Ogaden na Etiópia e o Exército de Libertação do Povo Sudanês no sul do Sudão (Klare, 2002).

Em relação ao futuro as perspectivas não são animadoras, para os amantes da paz, pois se os países do curso superior do Nilo parecem emergir de longos períodos de lutas fronteiriças e de guerra civil, a verdade é que têm agora o ensejo de retomar antigos planos em relação ao Nilo, como a Etiópia, que pretende desviar águas do Nilo para projectos agrícolas, ou o Uganda, que estuda novos projectos hidroeléctricos. Em relação ao Sudão, enfraquecido pela divisão do país, tanto pode envolver-se em conflito com o seu novo vizinho do Sul, ou explorar esta nova conjuntura para retirar mais água do Nilo, como é há alguns anos a sua pretensão. Todos estes factores preocupam seriamente o governo do Cairo, que a cada ano que passa tem maiores necessidades de água, devido à explosão demográfica e à crescente urbanização, tudo isto acompanhado pela necessidade de produzir mais alimentos.

O Egíto está a levar a cabo vários projectos de irrigação nos seus desertos, através de água captada no Lago Nasser e através do tratamento e reutilização de águas industriais e urbanas. Contudo, apesar destes projectos permitirem a instalação de milhões de egípcios em oásis artificiais, sem uma política eficaz de controlo da natalidade no Egíto, não resolvem o problema, mas apenas o adiam para as décadas vindouras. O que torna a situação mais explosiva é o facto de outros Estados com interesses no Nilo também estarem a enfrentar explosões demográficas, que certamente irão exigir um uso crescente das águas em disputa.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Até agora, o Egito tem conseguido conter as outras partes interessadas através de ameaças e intimidação, como fez Mubarak em 1995 ao declarar, em resposta a um desejo sudanês de rever o Acordo de 1959:

*“Qualquer passo tomado para esta finalidade, forçar-nos-á a uma confrontação para defender os nossos direitos e vida. A nossa resposta será para além de qualquer coisa que eles possam imaginar”* (Klare, op. cit., p. 154).

No caso de um conflito deste tipo emergir de facto, o cenário mais provável será o uso da poderosa força aérea egípcia, numa campanha para destruir barragens e outras edificações consideradas como uma ameaça para o normal fluir do Nilo. Por outro lado, o emprego das forças terrestres egípcias apenas parece provável no caso do seu vizinho do Sul, o Sudão, assumir uma posição desafiadora, nomeadamente se pretender por qualquer meio aumentar a sua quota do caudal do Nilo. Com milhares de tanques, muitos dos quais modernos *M-1 A1 Abrams* americanos, e milhares de veículos blindados de transporte de tropas, não parece ser difícil para o Egito esmagar o muito inferior exército sudanês (Klare, op. cit.). Outros cenários são possíveis tais como um acordo entre o Egito e o Sudão para se oporem às outras partes interessadas, bem como uma aliança anti-egípcia entre o Sudão e a Etiópia para enfrentarem o seu poderoso adversário do Norte. Por outro lado o Egito pode optar por continuar a apoiar movimentos armados de oposição aos governos dos Estados seus competidores, como forma de enfraquecê-los e evitar o seu empenho em projectos hídricos de qualquer espécie. A independência do Sudão do Sul veio introduzir um novo parceiro nesta disputa, numa região onde a situação caótica na Somália já é um barril de pólvora.

Para Klare (2002), a única maneira duradoura de evitar conflitos na bacia do Nilo é através da cooperação regional e de um plano de desenvolvimento que permita maximizar os abastecimentos de água das partes interessadas. A construção de barragens no curso superior do Nilo, onde a taxa de evaporação é menor, permitiria reduzir o nível da água do Lago Nasser e poupar biliões de metros cúbicos por ano.

Acrescentemos que, sem resolver o problema da fome, e do avanço para Sul do Sahel na Etiópia e Somália, não se conseguirá a estabilidade na região. É responsabilidade das potências africanas, como o Egito, que tem interesses vitais na região e das potências mundiais combater de forma sustentável o problema da desertificação e da fome, ajudando também ao planeamento familiar numa zona com um crescimento demográfico galopante e graves fragilidades estruturais.

## **Os conflitos internos pela disputa de recursos preciosos na África subsahariana.**

Os conflitos internos em África, que resultam de disputas por ouro, diamantes, minerais valiosos e madeiras de crescimento lento, são outro problema persistente da nossa época, com tendência a agudizar-se no futuro. Angola fornece um exemplo paradigmático, com a disputa

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

de décadas entre o MPLA e a UNITA. Se durante algum tempo, esteve patente uma guerra ideológica, em que o MPLA era apoiado pela União Soviética e por Cuba e a UNITA pelos Estados Unidos, nos anos de 1990, ambas as partes pareciam antes lutar pelo controlo dos valiosos recursos do país em petróleo e diamantes (Klare, 2002).

O caso da Serra Leoa é semelhante. Dezenas de milhares morreram durante a guerra civil que opôs o governo ao *RUF (Revolutionary United Front)* de Foday Sankoh. Conquanto afirmasse proteger os interesses das populações desfavorecidas da Serra Leoa, na realidade o principal objectivo da RUF parece ter sido o de controlar os ricos depósitos de diamantes do país. O que alimentou e tem alimentado este tipo de conflitos, é o facto de grandes conglomerados internacionais ligados às áreas das matérias-primas e recursos comprarem diamantes, minerais, madeira e outras mercadorias às partes combatentes. Gigantes como a *De Beers* e outras empresas multinacionais adquiriram diamantes, madeiras e outros bens em Angola, na Libéria e na Serra Leoa. Estas vendas alimentam um crescente mercado negro de armas, com as quais as partes contendoras prolongam a luta. Com um fluxo contínuo de dinheiro e armas para as suas mãos, os líderes das facções muitas vezes têm poucos desejos de paz (Idem).

Durante a Guerra Fria, as superpotências intervinham, como no caso da Bacia do Nilo, para prevenir e dirimir conflitos internos por causa dos recursos, fornecendo assistência técnica e ajuda militar aos governos centrais. Enquanto a URSS ajudou o governo etíope de Mengistu a reprimir movimentos separatistas na Eritreia e na região de Ogadem, os Estados Unidos ajudaram Mobutu a esmagar os rebeldes da rica província de Katanga no Zaire (Klare, 2002).

As companhias militares privadas, são outro dos factores a ter em conta. Formadas muitas das vezes por soldados desmobilizados com o fim da Guerra Fria, estas empresas prestam protecção a operações de extracção petrolífera e mineira e ajudam os governos no combate a movimentos rebeldes (Klare, 2002).

O caso da Serra Leoa, fornece um bom exemplo. A Serra Leoa, senhora de vastos depósitos de diamantes, bauxite e rutilo, pouco via dos milhões gerados por estes recursos, explorados por empresas mineiras estrangeiras e vivia mergulhada na pobreza, tendo de depender de ajudas externas. Entre 1968 e 1985 o país foi governado pelo Dr. Siaka Stevens, que desviou muita da riqueza do país para os seus próprios bolsos e dos seus apoiantes. O seu sucessor, o general Joseph Momah, procurou estabelecer o controlo do governo sobre as áreas diamantíferas, mas as suas forças revelaram-se incapazes de lutar contra os barões dos diamantes. A desagregação do Estado, despertou a cobiça do líder insurgente liberiano Charles Taylor, que vendo falhados os seus esforços de derrubar o governo de Monróvia, retirou para o campo, vendendo recursos para financiar a sua guerra. A perspectiva de controlar os campos de diamantes da Serra Leoa, levou-o a apoiar a *RUF* e o seu líder Foday Sankoh, que numa ofensiva sem resistência avançaram para o sudoeste da Serra Leoa e tomaram o campo diamantífero de Kono. As forças do governo da Serra Leoa foram incapazes de contra-atacar com sucesso e a *RUF* preparou-se para atacar a capital, Freetown (Klare, 2002).

Por esta altura, o governo de Freetown, liderado agora por Valentine Strasser, procurou ajuda externa privada. Primeiro sob a forma da *Gurkha Security Guards*, uma firma de combatentes Gurkha nepaleses dispensados do exército britânico. Mas quando os membros

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

desta empresa se recusaram a levar a cabo operações ofensivas contra a *RUF*, o desesperado Strasser virou-se para a firma *Executive Outcomes*. Os operacionais desta firma conseguiram organizar uma campanha bem sucedida para afastar os rebeldes de Freetown e recuperar o controlo dos recursos mineiros. Em 1995 as forças rebeldes foram dadas como derrotadas e em eleições livres e multipartidárias, Ahmed Tejan Kabbah tornou-se o Presidente do país. Confiante na estabilidade do país, Kabbah terminou o contrato com a *Executive Outcomes* em Janeiro de 1997 (Klare, 2000).

Apenas semanas após a partida dos elementos da *Executive Outcomes*, uma coligação de oficiais descontentes das forças governamentais e de insurgentes da *RUF* tomou controlo de Freetown. A partir do exílio na Guiné, o governo da Serra Leoa voltou a procurar auxílio no exterior e assinou um contrato no valor de 10 milhões de dólares com a empresa *Sandline International*, ao mesmo tempo que tropas nigerianas no âmbito da ECOWAS<sup>2</sup> entravam no país. Estas forças combinadas reconquistaram a capital e reconduziram a presidência de Kabbah em 1998. A campanha contudo, não conseguiu eliminar algumas das bolsas de resistência da *RUF*, que lançaram uma nova ofensiva em Janeiro de 1999. Desta vez o presidente Kabbah resolveu-se a negociar um acordo de paz com a *RUF* que foi assinado em Julho de 1999 no Togo. As forças da *RUF* deveriam ser integradas no exército nacional e Sankoh foi tornado vice-presidente. Contudo, nada disto satisfaz as suas ambições e a *RUF*, animada pela aquisição de novas armas e de munições lançou uma nova ofensiva nos princípios de 2000, subjugando a pequena força de manutenção da paz da ONU e ocupando a maior parte das áreas rurais. Ao que parece, Sankoh terá decidido atacar as forças da ONU ao saber que elas tencionavam ocupar a zona diamantífera de Kono (Klare, 2002).

Centenas de capacetes azuis foram feitos reféns pelos rebeldes de Sankoh. Isto obrigou a que a ONU organizasse uma operação militar para libertá-los,<sup>3</sup> o que ocorreu com sucesso e zero baixas da parte das forças internacionais. Contudo, a situação deteriorou-se de tal maneira no país, que forças britânicas viram-se obrigadas a intervir, supostamente para retirar cidadãos britânicos, mas acabaram por tomar medidas para restaurar a ordem, permanecendo parte delas no país até hoje. O líder da *RUF*, acusada de violações e amputações em massa durante a guerra civil, Sankoh, acabou por ser preso em Freetown em 2000, sendo entregue a um tribunal sob a égide da ONU pelo qual foi acusado de crimes de guerra. Sankoh, no entanto acabou por morrer enquanto aguardava julgamento (Global Security, 2014).

A guerra civil na Serra Leoa provocou à volta de cinquenta mil mortos e que existam mais de meio milhão de refugiados em países vizinhos. Kabbah foi reeleito presidente em 2002, declarando durante esse mandato oficialmente o fim da guerra civil. Em 2007 houve eleições presidenciais e legislativas no país e o candidato do principal partido de oposição, Ernest Bai Koroma foi eleito presidente (Idem).

No Congo ex-Zaire, os conflitos pelos recursos também já vêm de há muito e parecem não ter fim, agora pelo escasso minério coltan, usado em electrónica nos países desenvolvidos. Aventureiros e empresas estrangeiras, acorrem a regiões e territórios que o poder central tem dificuldade em controlar, como acontece na zona das nascentes do rio Níger, na bacia do rio Orange na África do Sul e no alto curso do rio Zaire, quer em Angola, quer especialmente na

<sup>2</sup> Economic Community of West African States.

<sup>3</sup> Operação Khukri, incorporando forças britânicas, indianas, ganesas e nigerianas no âmbito da UNAMSIL (United Nations Assistance Mission in Sierra Leone).



Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

República Democrática do Congo. Estas regiões são ricas em minerais raros e exóticos como o já referido coltan (chamado por alguns de “ouro azul”), mas também em ouro e diamantes, cuja exploração é muitas vezes acessível de forma artesanal, fazendo com que seja mais fácil actuar ilegalmente e contrabandear essas riquezas para o mercado negro (Correia, 2004).

Com substanciais reservas de madeiras antigas, na segunda maior faixa mundial de floresta tropical, que cobre grande parte do Congo, do Congo-Brazaville, do Gabão, dos Camarões e da Guiné Equatorial, e que constitui cerca de um quinto da floresta tropical remanescente, África tem aí o seu grande pulmão. Estas reservas estão a ser cada vez mais procuradas e desmatadas a um ritmo frenético, à medida que as florestas mais acessíveis da América Latina e da Ásia se reduzem (Klare, 2000). Para Correia (2004, p. 290): “*A pressão depredadora constitui um foco de conflitualidade regional cuja pressão só tenderá a aumentar no futuro.*”

Esta destruição das florestas implica o fim de muitos ecossistemas, e ninguém informado poderá hoje em dia duvidar de que tem consequências directas ou indirectas sobre o ser humano. Mais de três milhões de hectares são destruídos por ano. Mais de cinquenta mil espécies foram aniquiladas de forma definitiva entre 1990 e 2000, sem falar nas comunidades humanas primitivas que perdem o seu lugar ancestral e o seu modo de vida na selva (Ziegler, 2003).

Apesar deste interesse do sector madeireiro, é nas reservas de petróleo e gás de África que as grandes firmas internacionais de recursos estão interessadas. Segundo estudos da *BP Amoco*, África possui reservas provadas de setenta e cinco biliões de barris de petróleo, cerca de 7% do fornecimento mundial e 8% das reservas mundiais de gás natural. A produção diária africana de barris de petróleo não tem parado de crescer nos últimos anos, e gigantes empresas como a *ExxonMobil*, têm adquirido direitos de perfuração em grandes áreas *offshore* e em terra, em países como Angola, Chade, Nigéria e Congo-Brazaville. Se durante a Guerra Fria, África pouco atraiu o interesse das superpotências, agora começa a ter um papel mais importante no planeamento estratégico americano e europeu. Além de atrair o interesse de diplomatas e investidores americanos, África também tem atraído o interesse dos militares, que fornecem treino e ajuda militar a trinta e três dos quarenta e oito Estados sub-saharianos (Klare, 2002). Parte desta ajuda destina-se sem dúvida para contrabalançar o interesse chinês no continente.

Nos anos vindouros crê-se que iremos assistir a um aumento da conflitualidade em África, se nada fôr feito para evitá-lo. Até agora a grande maioria da conflitualidade tem sido interna, mas veja-se o caso do Congo ex-Zaire, onde seis Estados africanos envolveram tropas em 1999. Potências externas, com cada vez maiores interesses e dependências em relação a África, poderão ser tentadas a intervir fora da alçada da ONU para proteger os seus interesses nacionais (Klare, 2002).

Uma estratégia de apaziguamento e de cooperação, é sem dúvida preferível a confrontações violentas pelos recursos, pelo que implicam em destruição de vidas, de recursos e em gastos de somas astronómicas de dinheiro em sectores militares.

Ano X	Volume X	Nº 20	Janeiro/Junho 2014	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	----------	-------	--------------------	----------------	----------------

## Considerações finais

O início do século XXI não tem trazido a almejada estabilidade a África. Muitas vezes presas de dirigentes incompetentes e corruptos com tendências cleptocráticas, os povos africanos não têm usufruído em pleno das riquezas dos seus países. Empresas multinacionais negociam contratos milionários com governos africanos para exploração de recursos naturais, enquanto muitas vezes a maior parte dos cidadãos vive abaixo do limiar da pobreza. Assim, alimentam os conflitos internos que continuam a eclodir com maior ou menor intensidade no continente.

Infelizmente estas situações parecem só ter tendência a agravar-se, com a explosão demográfica esperada para África nos próximos anos e com a escassez de recursos imprescindíveis para a economia pós-moderna dos países desenvolvidos. Na bacia do Nilo, a conflitualidade pelo acesso ao recurso mais essencial de todos, a água, só poderá ter tendência a agravar-se, se não existir por parte de alguns países ribeirinhos, especialmente o Egipto, a Etiópia e os Sudões, uma política efectiva e eficaz de controlo da natalidade. O Egipto, que é a potência regional não deverá hesitar em levar a cabo ofensivas limitadas para garantir o livre curso das águas do Nilo, se tal se justificar para garantir os seus interesses vitais.

Na África sub-sahariana, o contrabando de ouro e pedras preciosas, poderá continuar a alimentar movimentos rebeldes de várias índoles, se não forem criadas melhores condições de vida para os cidadãos. O traçado das fronteiras que várias potências europeias imprimiram aos Estados africanos durante a época colonial, sem respeitar especificidades culturais, históricas e étnicas, constitui também ele um problema sério e fonte de conflitualidade.

A nível nacional e supra-nacional, tem de haver uma concertação de esforços no continente, no sentido de promover e manter a paz e a estabilidade, nomeadamente através da União Africana, mas também de outras organizações regionais de âmbito cooperativo.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Políbio Valente de. *Ensaio de Geopolítica*, 1ªed., Lisboa, ISCSP/IICT, 1994.
- CORREIA, Pedro de Pezarat. *Manual de Geopolítica e Geoestratégia, Vol.I-Conceitos, Teorias e Doutrinas*, 1ªed., Coimbra, Quarteto, 2002.
- CORREIA, Pedro de Pezarat, *Manual de Geopolítica e Geoestratégia, Vol.II-Análise Geoestratégica de um Mundo em Conflito*, 1ªed, Coimbra, Quarteto, 2004.
- GLOBAL SECURITY-Sierra Leone. [Consultado em: 07/01/2014]. Disponível em: [http://www.globalsecurity.org/military/world/war/sierra\\_leone.htm](http://www.globalsecurity.org/military/world/war/sierra_leone.htm)
- KLARE, Michael T., *Resource Wars*, 1ªed., Owl Books/Henry Holt and Company, New York, 2002.
- RAMONET, Ignacio, *Guerras do Século XXI*, Porto, Campo das Letras, 2002.
- ZIEGLER, Jean, *Os Novos Senhores do Mundo e os seus opositores*, 1ªed., Terramar, Lisboa, 2003